

A hipocrisia da TV ao falar de violência

Indiscutivelmente, o Brasil é um dos países mais violentos do mundo, superando até nações em constante conflito externo e interno, a exemplo de Iraque, Israel, Afeganistão e alguns povos africanos.

O número (quase oitenta mil anualmente) de assassinatos e mortes no trânsito por aqui é tão absurdo quanto preocupante. As causas da gritante violência nacional vão além das que costumadamente são discutidas, entre as quais a miséria que assola as periferias dos grandes centros, o campo e as pequenas cidades; o alcoolismo, as drogas, a desqualificação do ensino público; a caduque do código penal, a morosidade da Justiça e a impunidade.

Essas, seguramente, podem ser apontadas como as principais causas da tendência criminosa de parte da população brasileira, mas não são as únicas: há outras de cunho subjetivo e cultural que nos pulveriza ainda na infância com seu veneno poderoso, toxina trazida até nós pelo maior veículo de comunicação do país. Se por um lado, a televisão prega a paz; por outro muito contribui para que a cultura da violência enraíze-se cada vez mais no Brasil. É uma retórica hipócrita: faço o que eu digo, mas não faço o que eu mostro.

A televisão muito critica os governos, Justica e legislativo pela violência, mas não faz a sua parte para que se estabeleça uma cultura de paz no país; ao contrário, difunde a idéia da violência, através de filmes, desenhos animados e séries que exhibe, como algo divertido, comum, normal, aceitável socialmente. Sangue, trucidamentos e brutalidades de todos os tipos tornaram-se o entretenimento preferido do público televisivo nacional desde 40 anos atrás. Um gosto que foi se apurando ao longo dos anos e que hoje, graças aos muitos sabores tecnológicos, esbalda-se e sacia-se plenamente nos videogames sanguinolentos e nos jogos de rede violentíssimos, onde o herói é sempre aquele que mata mais, que mais derrama sangue dos rivais. E é admirado por isso.

Do desenho animado na sala de casa, aparentemente ingênuo, mas à base de muito disparo e pancada, a uma sala de internet, a criança brasileira cresce vendo morte e sangue como algo divertido, comum, normal, atrativo. Influenciados pelos sucessos da TV e da internet, as fábricas de diversões produzem armas de brinquedo semelhantes às usadas pelos personagens televisivos e internautas. E o que era apenas ficção começa a se materializar em brincadeiras e, depois, pela indução subconscientemente ou conscientemente, a coisa fica séria e grave: tudo vira realidade, uma realidade triste, lastimável, que não diverte, mas que comove, que lacrima, que aterroriza. Nesse filme real, os personagens morrem verdadeiramente: não são figuras animadas e indestrutíveis, nem heróis invencíveis. Morrem, sim, porque são gente de carne e osso, e tem filhos e tem pais, e tem família para sofrer e chorar sua partida eterna.

Diante disso, algumas questões precisam ser levantadas: por que a televisão comercial brasileira, que detém 95% da audiência, monta sua programação infantil com base em desenhos animados onde a violência, o confronto físico, o conflito moral, o ódio incontrolável, a vingança a todo custo fazem o enredo? Por que incutir a desregra social como entretenimento para criança? Por que a TV brasileira importa tanta porcaria americana? Somente para contaminar nossas crianças?

Lá, no paraíso americano, de vez em quando uma pessoa invade uma sala de cinema ou escola e fuzila todo mundo, como se fosse um dos heróis de Hollywood. Já aqui, no Brasil, depósito do lixo cultural americano, essa neurose é coletiva e acentuada pelo subdesenvolvimento educacional e a miséria.

Por que os filmes da Globo, Record, Bandeirantes e SBT dirigidos aos jovens e adultos precisam ser grandes chacinas? Que mensagem positiva ou lição de vida Van Damme, Rambo, Jack Bauer e companhia podem despertar na juventude brasileira? O público gosta de ver sangue, respondem eles. Gosta ou foi influenciado a gostar? Perguntamos nós.

O problema da televisão brasileira, que mostra a violência como arte cinematográfica, que induz o jovem ao consumo de álcool em seus reclames publicitários e que transforma bandidos em celebridades em seus programas policiais, é a falta de uma autocritica, de uma autoavaliação. Nessa corrida desesperada e desenfreada por audiência e faturamento, a TV está esquecendo de sua responsabilidade social, como veículo de comunicação, que é a defesa dos valores humanitários, educacionais, morais, familiares, religiosos e de uma cultura sadia em todos os aspectos das relações humanas.

Espaço do Leitor

Tristeza e indignação

Foi com um sentimento muito grande de tristeza e indignação que me levantei da cama e me arrumei para mais um dia de trabalho. Mais um dia numa sala de aula. O motivo da minha inércia, da minha indolência e por que não dizer da minha preguiça foi a primeira frase que li no jornal daquele dia. Estava lá, na primeira página do Jornal da Paraíba: "Crianças deixam Peti e vão pedir esmolas para 'faturar' até R\$ 1 mil. Fiquei pensando com meus botões: será que esse valor é verdadeiro? A reportagem mostrava a preocupação da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) com a defasagem do número de crianças inseridas no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil que está incluído no bolsa-família e que pode chegar a R\$ 180,00 dependendo do número de crianças que envolve cada família.

E aí eu me perguntei, quem é que vai deixar de ganhar mil reais para ganhar 180? Parece que estou com brincadeira não é, caro leitor? Mas eu não estou com brincadeira não. O caso é sério. E não deixa de ser um motivo de preocupação não só do Semas, mas da sociedade como um todo.

Sinceramente, nunca me senti tão "pequena". Nunca me senti tão profundamente desvalorizada como profissional. Imediatamente veio-me a imagem do meu contra-cheque guardadinho lá na minha bolsa, com o valor dos vencimentos lá em cima: R\$ 865,00. Fiquei até um pouco envergonhada, envergonhada de mim mesma, ali, sozinha no meu quarto. E aí fiquei pensando na nossa classe profissional - os professores. Meu Deus! Como nosso salário ainda é baixo diante de tudo o que dizem que representamos. Sim, pois dizem que nós representamos o começo de tudo, somos nós que formamos os futuros profissionais. Somos nós que pelo menos "tentamos", na medida do possível e dos poucos recursos de que dispomos, formar os futuros cidadãos críticos e pensantes do Brasil. No entanto, ganhamos tão pouco para isso. Claro que todos já sabem disso não?

Mas aí eu continuei pensando: como é que continuamos aceitando isso? Até quando nossos salários vão permanecer tão baixos? Sim, pois de acordo com o que vemos nesta reportagem, qualquer esmola "fatura" muito mais do que muitos professores deste nosso país. E como somos cobrados! Tudo cai nas nossas costas. Se o aluno não aprende, a culpa é nossa, se a evasão está aumentando a culpa é nossa, se o aluno é indisciplinado, a culpa é nossa. A nossa carga é pesadíssima, sabemos e sentimos na pele tudo isso.

Mas, fazer o que, a culpa é minha, que talvez não tenha sabido fazer melhores escolhas para a minha vida. O jeito é me recolher na minha insignificância.

Valéria Vanda Xavier Nunes - professora/escritora

Empresa Jornalística FOLHA DO VALE LTDA
Av. Dep. Soares Madrugada, s/n, Centro, Itaporanga-PB
Tel/fax: (0**83) 3451-2774 - CNPJ: 04.535.908/0001-50.
E-mail: folhadovali@yahoo.com.br
Editores: Antônio Bandeira e Sousa Neto

Crônicas do Cotidiano

Sousa Neto

XII

No dia seguinte à chegada de Tiquinha, a povoação amanheceu tomada pelo fuxico de que o barbeiro havia trocado a viuvez por uma mulher de vida livre. "O menino que ela trouxe não é dele, mas dizem que o que carrega no bucho é". Era o que se comentava em todos os cantos do povoado. Mas a mentira tem pernas longas, por isso quando cai, não tem jeito, arebenta-se toda.

Só o tempo para mostrar a improcedência ou confirmação de qualquer boato. No caso em questão, o fuxico nem deveria ter nascido e menos ainda se proliferado: todos sabiam que seu Zequilino era um homem de bom coração, acostumado a ajudar as pessoas sem segundos interesses. Além disso, tratava-se de um senhor de muita idade e já sem qualquer ilusão amorosa.

Herdou o ofício do pai e poderia ter ido cortar cabelo na cidade e crescer na profissão, mas preferiu ficar por ali mesmo. Não fez fortuna, mas não vive mal. Criou dez filhos e hoje vive sozinho. Depois da morte da primeira e única mulher, não quis mais saber de casamento. Diz que hoje o trabalho já não rende o suficiente para fazer família, e não está exagerando. Não é por falta de clientes, mas pelo excesso de cortesia: mais da metade dos cabelos que corta não lhe rende um único centavo, mas recebe incontáveis gestos de gratidão e raramente um presente: de vez em quando alguém aparece por lá com uma galinha gorda ou meia dúzia de ovos. "É só um agrado prurido, que corta o cabelo lá de casa tudo e num cobra nada", diz risonha a velha freguesa, e, enquanto o braço esquerdo faz a oferta, o direito empurra mais um menino cabeludo para dentro da barbearia.

Seu Zequilino não cobra dos pobres e por um entendimento lógico e, ao mesmo tempo, humanitário: "Não posso cobrar de quem não pode me pagar", pensa. Diante das figuras paupérrimas que aparecem na sua barbearia, não se encoraja a pedir um tostão pelo corte, mas faz uma exigência: quer manter o segredo de sua filantropia, o que não é mais segredo pela extensão da gratuidade: já deu e repetiu cortesia a mais da metade da povoação.

Sabendo da bondade do velho barbeiro, alguns espertalhões, mesmo podendo pagar, falam fiado. Dizem que acertam tal dia e nunca mais aparecem. Quando novamente precisam aparar o cabelo, procuram os concorrentes de seu Zequilino na cidade, e tempos depois é que voltam ao salão do povoado: os velhacos fingem que não devem nada e o barbeiro finge que nada tem a receber. Depois do corte, metem a mão no bolso e falam alto: "Tá aí o pagamento!". Mas o velho não perdoa: "Esse é o de hoje ou é o daquele dia?". "Não, seu Zequilino, esse é o daquele dia; o de hoje depois eu pago".

O que seria de Tiquinha não fosse seu Zequilino, homem de bom coração. Com dois filhos sem pai, sem família por perto, com uma vida misteriosa e vivendo sozinho, a jovem passou a ser mal vista no povoado. As mulheres casadas temiam por seus maridos; as solteiras temiam pelos seus casamentos; e os homens, que temiam suas esposas e namoradas, fingiam odiar a forasteira, mas, intimamente, admiravam-na: aparência formosa, jovialidade e ares de muitos segredos alimentavam sonhos ousados, mas gestos pouco afoitos.

Quase nenhum homem, sendo casado ou solteiro, arriscava-se a cumprimentá-la ao passar sobre sua calçada; e os poucos que o faziam, dirigiam-lhe uma palavra trêmula, tímida e apressada. Temiam os olhos do povo e a boca da beata Mariana: qualquer pequeno gesto poderia resultar num fuxico sem fim.

Mas ao passo que a barriga de Tiquinha foi aparecendo, os homens diminuíram os ímpetos de seus olhares sonos, até encerrá-los por completo. Ninguém mais passava sobre sua calçada, a não ser o doido Lazário, cuja única vontade era arrumar um dedo de fumo para fazer um cigarro, mas nem ele livrou-se da língua maldosa da velha Mariana, que quando não está rezando, está falando da vida alheia, mas, às vezes, faz as duas coisas ao mesmo tempo.

No começo, Tiquinha tentou angariar alguma amizade, mas nem suas vizinhas quiseram conversa. A única pessoa com quem poderia contar naquele povoado era seu Zequilino. Quando sentiu que estava prestes a dar à luz, apegou-se ao velho barbeiro e este logo providenciou uma parteira: Mãe Maria morava um pouco distante e, precavida, passou a dormir na casa da parturiente, porque não havia quem fosse chamá-la em caso de uma precisão à noite, mas, já na segunda dormida, o parto aconteceu com poucas complicações: era uma menina gorda e gorda. "Eu num disse que era menina!", grita orgulhosa a parteira, e completa: "Quando a barriga é meia achatada, pode escrever que é menina". "Nasceu laçada, trate de dar a ela o nome de uma santa e recomendá-la a Deus porque foi coisa de milagre: eu vi muita criança nessas condições, nascê morta e a sua nem deu muito trabalho, isso é coisa de milagre", argumentou imperiosa Mãe Maria. Já são de 50 anos de ofício: mais de dois quartos do povoado nasceram pelas suas mãos.

O bom filho a casa retorna

Conceição do Piancó, pequeno e atrasado burgo, fincado nos confins do sertão da Paraíba, meados dos anos sessenta, vivia momentos de rebuliço e inquietação; a política fervia de canto a canto, partidários das velhas siglas PSD e UDN se engalinhavam numa batalha sem trégua, de vida ou morte, pela prefeitura local. Nessa porfia não havia lugar para indecisos e pusilânimes. Quem fosse fraco que se quebrassem, era a regra. Imperava a prática do carrancismo, da vindita, do quem pode mais; adversário político e inimigo pessoal, se confundiam. Era a época das tocaias, das facadas, dos sopapos, dos palavrões. Valia tudo, como ainda hoje, o feio era perder - sentenciavam.

Do lado da situação, perfilavam as velhas raposas do PSD, montadas numa série de vitórias que se sucediam desde a derrocada do Estado Novo (1945), apresentaram como favas contadas, o senhor Manuel Rodrigues Leite, comerciante bem-sucedido, o maior do lugarejo, e saíram confiantes para o embate. O clã da UDN, calejado, depois de um rosário de derrotas no lombo, indicou, mais uma vez, o médico Walter Braga, cristão novo, irmão do então deputado estadual Wilson Braga, radiologista bem acatado, pós-graduado no Rio de Janeiro, e radicado em Recife-PE. Para quem não sabe, o médico Walter Braga já amargara uma derrota para prefeito anterior. Isto não o impediu de postular novamente o cargo, e, desta vez, bem revigorado, liberto das amarras do puritanismo acadêmico.

A campanha política pegava fogo, de vaca desconhecer bezerro, como diria o amigo; não se falava de outro assunto nas esquinas, praças, salões de jogos, botequins, a agitação tomava conta; nervos à flor da pele, qualquer palavra ou opinião era motivo de discussões acaloradas, ameaças, chega-para-lá. Irmão desconhecia irmão. Os comícios e passeatas descambavam para a baderna, ofensas e desatatos.

Nesse clima de guerra e insegurança sai vitorioso o doutor Walter Braga, com uma alentada maioria. Parecia milagre, apuração concluída, proclamado o vencedor, a paz voltava a reinar como por encanto, não se tocava mais no assunto, botava uma pedra em cima; essa trégua durava até a eleição seguinte, quando voltavam a se digladiar.

Tirante aqueles mais empedernidos e recalcitrantes, a gestão do doutor Walter Braga agradou a gregos e troianos. Ficou como um marco histórico; antes e depois. A cidade, acanhada e vilipendiada por administrações ineptas e tacanhas, ganhou contornos, roupagem nova; abriu-se ruas e avenidas, investiu-se pesado na saúde e na educação, em novas edificações, chegou o telefone, agência bancária, estradas foram rasgadas; a cidade, enfim, escapara da letargia, os semblantes transpiravam vigor. Essa energia positiva foi passada às administrações futuras. Deu regra e compasso.

No ensejo da posse da prefeita Vani Braga, sua irmã, no início do ano (2009), o benfeitor Walter Braga, depois de longa ausência, no trato de seus afazeres, retorna à sua terra lépido e fagueiro, olhos brilhantes, e fica extasiado com a sua obra.

Carlos Henrique Leite, escritor



Bastidores

Tsaías Teixeira isaías_teixeira10@hotmail.com

Dia do estudante

Escolas em péssimo estado de conservação, professores despreparados e mal pagos, alunos desmotivados. Com essas chamadas desagradáveis, os estudantes brasileiros ainda têm pouco a comemorar em 11 de agosto, data dedicada ao seu dia. O quadro da educação no Brasil, que ocupa uma das posições mais baixas nos rankings mundiais, é lastimável. Mas, qual é o real propósito de investir em educação? Por que países desenvolvidos, como Noruega e Finlândia, derramam tanto dinheiro nessa área? Há alguma ligação entre esses investimentos e o grau de desenvolvimento? Inicialmente, a educação é um direito previsto pela Constituição Federal, razão pela qual os governantes devem criar políticas eficientes e medidas abrangentes para que a população desfrute desse direito. No entanto, é necessário também um investimento maciço no setor, como fez a Coreia do Sul, após a Guerra das Coreias. Das universidades coreanas, por exemplo, saíram tecnologias utilizadas por empresas como Hyundai e Samsung, ícones nos setores automobilístico e de telecomunicações, respectivamente. Além disso, a busca por uma melhor qualidade de vida faz com que as pessoas procurem melhores empregos, que, por sua vez, pedem melhores níveis educacionais. Mas, a educação não traz somente bons empregos. Ela proporciona o pensamento crítico e a análise lógica - fatores imprescindíveis para a visão crítica de um indivíduo. Afinal, nunca um povo ignorante será mais influente do que uma população mais culta.

Transformação

A educação transforma um país, tanto em aspectos econômicos quanto tecnoculturais. Para o Brasil alcançar níveis positivos na área, cabe a nós, população, fazer valer os nossos direitos; quer seja exigindo melhores níveis de preparo dos docentes, quer seja cobrando uma melhor infra-estrutura. O fato é que a educação não só transforma a vida das pessoas, mas modifica toda uma sociedade.

Pequenos avanços

Quando me refiro, no primeiro tópico, que os estudantes brasileiros têm pouco a comemorar no seu dia é porque, apesar dos pesares, é importante salientar que a educação no país teve alguns pequenos avanços nos últimos 15 anos, especialmente no governo Lula, que merecem ser comemorados. Esses avanços, que são ínfimos para os padrões de primeiro mundo, é resultado da criação de programas voltados à fomentação dos ensinos infantil, fundamental e médio, mas muita coisa tem que ser feita na área básica. As melhorias também são vistas no ensino superior, com mais ênfase à expansão das universidades para o interior do país. Se o ensino superior ainda peca pela qualidade, pelo menos se verifica que o governo está bem intencionado.

O Prouni

Com a expansão do ensino superior, o governo aumentou o número de oferta de vagas. Outra medida tomada pelo governo para alargar a porta de acesso às universidades foi a criação do Prouni (Programa Universidade para Todos), criado no ano de 2005. O programa concede bolsas de estudo em universidades particulares para alunos que cursaram escolas estaduais durante o ensino médio, mas também podem ser beneficiados alunos que cursaram o ensino médio em escolas particulares também com bolsa. Quando as universidades passam a oferecer essas vagas, elas recebem isenção fiscal em contrapartida. Para selecionar os beneficiados pelo programa, o governo federal leva em conta, além da questão socioeconômica, as notas que os alunos têm no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Os que são contra o Prouni argumentam que o ideal seria investir maciçamente no nível básico de ensino para que o estudante pobre possa disputar em pé de igualdade com os estudantes da escola privada uma vaga no ensino superior. A verdade é que a educação brasileira vive momentos de transição. Espera-se que o resultado de todo esse processo seja satisfatório.

Outra polêmica

Outra polêmica que reside nessa fase de transição da educação brasileira se refere às quotas para negros e pardos. Se por um lado é um marco histórico, considerando que não se trata apenas da reserva de vagas para estudantes negros, mas uma política de acesso e permanência de estudantes negros na universidade, por outro confirma que o negro é marginalizado e incapaz, por isso precisa de ajuda oficial e paternalista. Ou seja, reafirma-se a diferença entre raças, e não o contrário, que é a necessidade de eliminá-la.

Ingresso democrático

A única solução decente para o ingresso democrático da juventude na universidade é lhe dar uma educação de qualidade para que, aí, sim, não haja diferença entre o aluno do colégio público e do colégio considerado "de elite". A educação pública brasileira, em todos os parâmetros, seja ela municipal, estadual ou federal, é o retrato da incompetência do próprio Estado. Hoje, os negros correspondem a apenas 2% do contingente de universitários, apesar de representarem 45% dos brasileiros.

Os prefeitos

Os prefeitos podem fazer a sua parte na educação do seu município. E o mínimo que se pode exigir deles é o pagamento em dia dos professores e a aplicação dos recursos federais oriundos de convênios. A manutenção das escolas, a criação de boas bibliotecas e a informatização dos educandários devem ser prioridades de qualquer gestor municipal. Cada qual fazendo sua parte o futuro de nossas crianças será bem melhor.

Opinião do Intern@ut@

"... Eu quero lamentar as muitas mortes que vêm acontecendo no trânsito, não só aqui em Piancó, mas também no Vale e região. As pessoas continuam dirigindo embriagadas e as autoridades não fazem nada". (Gabriela Leite Soares - gabileites_pianco@yahoo.com.br)

Caso Tilápia

Alguém do poder público deve ser responsabilizado pela morte de dezenas de toneladas de peixe no açude de Igaracy, fato ocorrido há alguns dias, conforme denunciou o jornal na edição anterior. A tragédia é pauta de relevância para qualquer noticiário internacional. Não é possível que pessoas ajam sem o mínimo de responsabilidade. Não se pode admitir que animais sejam tratados como se fossem brinquedos.

65,3 milhões de reais

Este é o valor total dos repasses federais para os 20 municípios do Vale do Piancó no primeiro semestre do ano. Piancó continua sendo o município regional que mais recebeu recursos: 8,2 milhões. Conceição é o segundo com 6,3 milhões de reais, 2 milhões a menos que Piancó e 1 a mais que Itaporanga, que apesar de ser o município mais populoso do Vale, é apenas o terceiro município que mais recebeu recursos até o mês de junho, seguido de Coremas, que recebeu 5,1 milhões. Já Curral Velho é o município regional que menos recebeu recursos da Fazenda Nacional: apenas 1,9 milhão de reais.

Retificação

Por erro de digitação, na edição anterior, no tópico Bibliotecas que envergonham, me referi à biblioteca Paulo Correia com a denominação de biblioteca Paulo Costa Lima.

Refletindo

"A distância não é ruim. Ela apenas nos mostra o quanto é bom estarmos juntos". (Jaqueline R. M. Costa)